



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**ANTIFASCISMO E TEMPO PRESENTE:  
HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS**

George Zeidan Araújo<sup>1</sup>

**Resumo:** Os últimos anos têm registrado a ocorrência de uma grande onda de autoritarismo político e conservadorismo social em escala global. Embora as manifestações concretas dessa dinâmica possuam especificidades que variam conforme as realidades locais, é possível apontar certos elementos comuns, tais como, por exemplo, o nacionalismo radical (ainda que meramente “retórico”), a xenofobia e a aversão a todas as pautas consideradas “progressistas”. Em função da presença significativa de componentes fascistas ou fascistizantes, alguns autores têm classificado o fenômeno como representativo da ascensão de uma posição política “neofascista”. O crescimento de tendências políticas fascistas ou fascistizantes fez recrudescer também a atuação de movimentos que resistem a esse processo, se apresentando como situadas em um campo político diametralmente oposto e que, por esse motivo, se autointitulam “antifascistas”. Embora seja considerado por algumas pessoas como “recente” dada sua maior visibilidade atual, o movimento antifascista possui uma longa, rica e diversificada história. Destarte, o objetivo deste trabalho é apresentar as origens do antifascismo, sua trajetória histórica, as maneiras como mobiliza sua memória de militância política e seus modos de inserção no movimento operário-social contemporâneo.

**Palavras-chave:** Antifascismo, História, Memória, Resistência, Tempo Presente.

## INTRODUÇÃO

Os últimos anos têm registrado a ocorrência de uma grande onda de autoritarismo político e conservadorismo social em escala global. Embora as manifestações concretas dessa dinâmica possuam especificidades que variam conforme as realidades locais, é possível apontar certos elementos comuns, tais como, por exemplo, o nacionalismo radical (ainda que meramente “retórico”), a xenofobia e a aversão a todas as pautas consideradas “progressistas”.

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFSC, Professor Colaborador do Departamento de História da UDESC, e-mail para contato: geozaraujo@gmail.com.



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Em função da presença significativa de componentes fascistas ou fascistizantes, alguns autores têm classificado o fenômeno como representativo da ascensão de uma posição política “neofascista”. O crescimento de tendências políticas fascistas ou fascistizantes fez recrudescer também a atuação de movimentos que resistem a esse processo, se apresentando como situadas em um campo político diametralmente oposto e que, por esse motivo, se autointitulam “antifascistas”.

Embora seja considerado por algumas pessoas como “recente” dada sua maior visibilidade atual, o movimento antifascista possui uma longa, rica e diversificada história. Destarte, o objetivo deste trabalho é apresentar as origens do antifascismo, sua trajetória histórica, as maneiras como mobiliza sua memória de militância política e seus modos de inserção no movimento operário-social contemporâneo.

### **UMA “DEFINIÇÃO OPERACIONAL” DE FASCISMO**

Parece-nos adequado iniciar uma exposição sobre a trajetória do antifascismo com alguns breves comentários sobre o próprio fascismo e de seu percurso. Inicialmente, o que propomos aqui é apresentar uma “definição operacional” de fascismo que nos permita estabelecer um ponto de partida para avançarmos ao tema específico deste trabalho, isto é, os caminhos do antifascismo e seus modos de inserção no movimento operário-social contemporâneo.

O fascismo é um dos temas que têm atraído mais estudiosos no campo da história e da ciência política. Se sua história, sua definição talvez apresente ainda mais dificuldades. Dentre muitas definições possíveis para o fenômeno, julgamos pertinente a defendida pelo historiador e cientista político estadunidense Robert Paxton, quem definiu o fascismo em geral como uma “forma de comportamento político”.

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (PAXTON, 2007, p. 358-359).



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



De qualquer forma, é importante atentar ainda para questões relativas a outro componente importante: a classe social. O fascismo está originalmente vinculado às classes médias, tendo atraído a simpatia de parcelas radicalizadas e empobrecidas da classe trabalhadora. Contudo, parte do crescimento e da chegada do fascismo ao poder estão vinculados à adesão do grande capital ao seu projeto, por ter visto no movimento uma maneira de preservar os interesses de classe da grande burguesia e, ao mesmo tempo, controlar o movimento operário-social.

Ressalte-se, porém, que há uma grande variedade de definições e perspectivas sobre o fascismo (SACCOMANI, 1998, p. 466-474). O desacordo entre os estudiosos atesta a própria complexidade do tema.

## **BREVE TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO FASCISMO**

Para compreendermos melhor a trajetória do antifascismo, cumpre assinalar as diferentes fases históricas dos movimentos fascistas. Não se pretende apresentar um relato completo da intrincada história do fascismo, tarefa que demandaria um trabalho de grande fôlego (EATWELL, 2003, p. 27-38). Tal empreitada certamente fugiria do escopo deste trabalho.

No entanto, é preciso destacar que elencar, ainda que brevemente, as diferentes fases do fascismo, pode ajudar a iluminar alguns aspectos de seus aspectos mais proeminentes e duradouros, bem como suas transformações.

A comparação entre os fascismos clássicos e os neofascismos nos permite perceber que há uma essência fascista para além das manifestações particulares, contextuais e nacionais dos diversos fascismos existentes. E que o fascismo e seu espectro não estão presos no tempo ou em dado contexto histórico. O fato de não haver a forma do fascismo clássico (partido militarizado, uniformes marrons, suásticas, camisas negras, fascios) não nos permite falar de um não-fascismo, porque o substancial pode estar bem presente, ou seja, o irracionalismo, a valorização dos sentimentos e dos instintos, o chauvinismo, o pragmatismo, o culto da nação mítica, o anticomunismo, a negação do outro etc. (CRUZ, 2019, p. 220).

Os chamados “fascismos clássicos” surgiram no Período Entreguerras (1919-1939), no bojo de todos os efeitos econômicos, sociais, políticos e culturais advindos da Grande Guerra (1914-1918) e precisam ser entendidos como parte daquele contexto.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A crise econômica do capitalismo em um contexto de ameaça revolucionária, já que um modelo alternativo ao capital se construía na URSS, fez com que o capital se abrisse para formas de controle social e político das classes trabalhadoras via fortalecimento do Estado policial e autoritário, com intervenção econômica no mercado e construção de arranjos institucionais que promovessem um reordenamento do bloco no poder, para que a reprodução capitalista pudesse subsistir sob a hegemonia do grande capital monopolista. A burguesia industrial e financeira passou a ver com bons olhos a intervenção do Estado no fortalecimento do capitalismo monopolista e na destruição de todo vestígio de livre concorrência (CRUZ, 2019, p. 221-222).

De fato, a devastação material, as perdas humanas e a difícil situação econômica de muitos países, agravada pela Crise de 1929, contribuíram para um aumento no rechaço às ideias políticas de corte liberal, bem como ao apontamento de medidas e reformas democráticas ou democratizantes como “responsáveis” pelas mazelas sociais. Além disso, a ideia – representada pela “ameaça bolchevique” – de uma revolução social que abalasse as estruturas sociais aterrorizava parte das classes médias e fazia recrudescer a atuação e a organização da militância anticomunista, atraindo também parte da classe trabalhadora com sua retórica.

A argumentação dos principais representantes dos “fascismos clássicos” (o fascismo italiano e o nazismo alemão) pautava-se por ideias anticomunistas, ultranacionalistas e antissemitas – ainda que esse elemento tenha ganhado corpo no fascismo italiano apenas após a aliança entre Itália e Alemanha na década de 1930. Seus programas giravam em torno da necessidade de implementação de uma plataforma econômica e social corporativista que “eliminasse” a luta de classes com o estabelecimento de um Estado forte, centralizado, autoritário e militarizado. O Estado deveria garantir a coesão social e nacional, mobilizando constantemente as massas contra os inimigos internos e externos. Com respeito à organização, os fascismos clássicos buscavam o estabelecimento de um regime de partido único, o qual apresentava-se fortemente hierarquizado em torno de um líder carismático e dotado de milícias paramilitares que atacavam opositores e serviam para demonstrar força e coesão partidária.

O fascismo não desapareceu após a Segunda Guerra Mundial, mas teve que se modificar em função da derrota e do desprestígio de suas ideias e práticas. Ocupando quase sempre um papel minoritário na política partidária de todos os países, os partidos



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“neofascistas” tiveram que modificar algumas de suas práticas e ideias com respeito à organização partidária e à democracia liberal parlamentar de uma maneira geral – ao menos publicamente. De alcance reduzido, o discurso dos “fascismos de segunda onda” perdeu a tonalidade corporativista, centrando-se no fortemente no anticomunismo.

A partir de meados da década de 1980 surgiram os chamados “fascismos de terceira onda”. Pouco depois, com o desaparecimento de seus maiores inimigos – a URSS e o “comunismo soviético” –, os partidos de caráter fascista passaram a dirigir seus ataques preferencialmente às minorias étnico-nacionais e aos imigrantes (GENTILI, 2013, p. 18), principalmente se professavam uma religião diferente da que fosse majoritária no país. Ressalte-se, no entanto, que a retórica anticomunista continuava presente no repertório desses novos fascismos. Uma das principais características dos “fascismos de terceira onda” é a sua descentralização.

Os neofascismos de terceira onda apresentam uma estrutura organizativa diferente da dos fascismos clássicos, havendo uma descentralização de suas diversas instituições de luta e, mesmo os partidos ainda sendo altamente centralizados em torno de lideranças específicas, eles não assumem mais o caráter organizativo e simbólico dos partidos fascistas clássicos, formando-se redes extrapartidárias e até células relativamente autônomas para evitar a sua marginalização e a criminalização do centro do movimento, em caso de ações diretas de milícias, já que estas não são mais vinculadas estreitamente ao partido. Como resultado dessa estrutura descentralizada, são possíveis iniciativas criativas de atração de militantes, além do uso ostensivo da internet para atuação política – não somente para propaganda e disseminação ideológica, mas também para organização, cooptação, formação e confronto ideológico (CRUZ, 2019, p. 223).

Como exposto, ao longo de sua história o fascismo adquiriu diversas formas e tonalidades desde seu surgimento no Período Entreguerras até os dias atuais. Tais mutações do fascismo influenciaram de maneira decisiva as maneiras pelas quais o antifascismo foi se constituindo e reconstituindo.

## **DEFININDO O ANTIFASCISMO**

Tal como foi feito com relação ao fascismo, parece correto apresentar uma definição de fascismo antes de proceder à análise de sua trajetória. Frequentemente se toma o antifascismo como algo homogêneo. Isso é especialmente verdadeiro para suas primeiras



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



décadas de existência, quando foi visto como algo quase sempre relacionado ao “comunismo soviético”.

No entanto, mesmo para esse período essa análise seria uma distorção, não representando todas as variedades de resistência antifascista. Na verdade, atualmente tenta-se compreender o antifascismo a partir de uma perspectiva global e comparativa. Essa postura passa, obviamente, por ultrapassar as fronteiras da Europa para o estudo dos movimentos antifascistas de antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

À semelhança do fascismo, o próprio antifascismo também possui diversas definições diversas. Uma definição mais ampla tem a vantagem de não restringir inadequadamente posturas e vinculações que podem ser identificadas como parte do movimento.

O antifascismo é muitas coisas, mas talvez, mais fundamentalmente, seja uma discussão sobre a continuidade histórica entre diferentes eras de violência da extrema-direita e as muitas formas de autodefesa coletiva que foram exigidas em todo o mundo ao longo do século passado. Isso não quer dizer, no entanto, que o século passado do antifascismo tenha sido uniforme. O antifascismo no entre guerras diverge de maneiras importantes dos grupos antifas que se desenvolveram décadas depois (BRAY, 2017, p. 20).

De fato, o antifascismo até a Segunda Guerra Mundial, poderia ser classificado como uma espécie de identidade política, cultural e social que não era pautada por definições relacionadas a nação, povo, raça ou partido. Uma identidade necessariamente genérica e veiculadora de um discurso que, embora não coincidissem plenamente com as perspectivas e anseios de nenhum desses elementos, atraía e mobilizava comunistas, anarquistas, socialistas, democratas, liberais de esquerda e anticolonialistas dispostos a lutar contra o fascismo.

Contudo, como já afirmamos, persistem divergências entre os estudiosos do fenômeno para definir com precisão o antifascismo, seja para o período anterior ou posterior à Segunda Guerra Mundial, seja para Itália e Alemanha, seja para outros países.

[...] [O historiador Alberto De Bernardi] propôs [...] reinterpretar esse conceito como uma “cultura política” tanto italiana quanto europeia, nascida da vontade de oferecer uma alternativa à redefinição da identidade nacional trazida pelo fascismo na Itália, baseada na militarização da sociedade e no expansionismo; mas também da necessidade de definir uma nova ordem mundial na qual devia-se construir a paz em um período no qual se previa o embate entre fascismo, comunismo e liberalismo. Em meio à profunda crise experimentada pela democracia liberal e pelo capitalismo global após 1914,





# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



o antifascismo teria sido a mais ambiciosa resposta ao desafio de desenvolver novas relações entre liberdade, igualdade e justiça, direitos civis e direitos sociais, Estado e mercado, e representação política e representação social. De Bernardi interpretou o antifascismo em um tom social-democrata, localizando suas origens “no cruzamento entre as tradições socialistas e o pensamento democrático”. Sua proposta de se aproxima da de outros autores que deram contribuições importantes para o estudo do antifascismo em décadas recentes [...]: de acordo com Eric Hobsbawm, Enzo Traverso e Nigel Copsey, as várias correntes antifascistas estavam no fim das contas unidas pelo legado do Iluminismo; já de acordo com Gilles Vergnon, o movimento antifascista que emergiu na França em 1934 era “jauresiano” ou de natureza socialista-republicana; enquanto que Ferran Gallego descreveu o antifascismo espanhol da década de 1930 como um ponto de encontro para republicanismo, social-democracia, comunismo e anarquismo; ao passo que para Andrés Bisso, “o fascismo *mainstream* na Argentina era predominantemente liberal-socialista” [...]. Contudo, Tom Buchanan acertadamente sublinhou os aspectos illiberais do conceito de democracia prevalecente entre os antifascistas do Período Entreguerras, que tendiam a priorizar a justiça social em detrimento do respeito pelo pluralismo (GARCÍA; YUSTA; TABET; CLÍMACO, 2016, p. 4-5).

Essa falta de acordo entre os estudiosos sobre a “essência do antifascismo” incide na avaliação de sua própria trajetória. Aliás, em seu clássico livro publicado em 1985 sobre a história do antifascismo na Europa entre 1923-1939, o historiador Jacques Droz assinalou a disparidade entre a miríade de obras abordando casos nacionais específicos e a quase total ausência de obras de síntese (DROZ, 1985, p. 7). Tal constatação, em grande medida, permanece válida ainda hoje.

Sem pretender “resolver” essa discussão, apresentamos uma análise da trajetória do antifascismo desde o seu surgimento até a atualidade com o intuito de tentar iluminar seus aspectos mais duradouros bem como suas transformações.

## BREVE TRAJETÓRIA DO ANTIFASCISMO

O antifascismo emergiu precisamente em contraposição ao desenvolvimento e difusão dos fascismos originais – o italiano e o alemão. Começamos com o caso italiano, já que a Itália foi verdadeiramente o berço da primeira onda fascista.

Nos anos imediatamente posteriores à Grande Guerra (1914-1918), organizações comunistas e socialistas da Itália, tais como a *Unione Anarchica Italiana* (1919) e *Arditi del Popolo* (1921) surgiram para enfrentar o avanço do ultranacionalismo e do fascismo naquele



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



país (GENTILI, 2014, p. 16-17). Mesmo tendo congregado elementos diversos em luta contra o fascismo, a *Artidi del Popolo* – uma das principais milícias populares antifascistas – não se provou capaz de se contrapor aos avanços e ataques fascistas. As organizações fascistas haviam recebido grande apoio financeiro e material das elites econômicas e a esquerda não apenas não tinha tantos recursos, mas tampouco conseguia formar frentes políticas unidas para oposição ao fascismo.

Mas mesmo na Itália o antifascismo inicial apresentava diversidade política e filosófica. Entre 1924-1925, liberais, católicos, socialistas e comunistas que faziam oposição ao regime de Benito Mussolini formaram uma frente conhecida como “Secessão Aventina”, retirando-se do Parlamento em razão do assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti por fascistas em 10 de junho de 1924. Contudo, isso acabou fortalecendo o regime fascista. Ainda em 1925 foi publicado o Manifesto dos Intelectuais Antifascistas, escrito pelo célebre filósofo e historiador Benedetto Croce, o qual inicialmente havia apoiado o regime. No ano seguinte, diversos antifascistas foram presos, assassinados ou forçados se exilarem. Depois de 1926, o conjunto da esquerda italiana passou a condenar o fascismo com mais vigor, embora o combatesse com muitas dificuldades.

Por volta de 1926, todos os potenciais oponentes de Mussolini foram cooptados ou esmagados com sucesso. Até o surgimento dos primeiros grupos de *partisans* na década de 1940, a resistência ao regime era quase inteiramente orquestrada no exterior, onde militantes exilados contrabandeavam jornais e manifestos clandestinos ou realizavam ataques individuais a alvos fascistas.<sup>79</sup> Por algum tempo, pelo menos, o regime de Mussolini esteve em bases sólidas. A única coisa que os antifascistas exilados podiam fazer contra esse poder, era se organizar contra a onda de fascismo que ameaçava engolir o continente (BRAY, 2017, p. 40).

Na Alemanha humilhada pelo Tratado de Versalhes, um governo social-democrata, de conciliação de classes, estabeleceu-se após as derrotas da Revolução de 1918-1919 e da tentativa de golpe da direita em 1920. A instável “República de Weimar” padecia de uma instabilidade crônica em função dos ataques da extrema-direita (que culpava os “sabotadores interno” pela derrota) e da extrema-esquerda (que acusava o governo de traidor dos trabalhadores e tentava promover uma insurreição para derrubá-lo e tomar o poder).

O fato de que o governo social-democrata costumeiramente recorresse aos grupos paramilitares de extrema-direita conhecidos como *Freikorps* para debelar revoltas, acabou





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



contribuindo para o crescimento dos extremistas de direita no país e para a perda de apoio popular dos socialistas. Social-democratas e comunistas se enfrentavam política e eleitoralmente, e sua rivalidade acentuou-se quando o Comintern estabeleceu a chamada política do “terceiro período”, acreditando que havia se aberto uma época revolucionária e, assim, social-democratas e fascistas representariam a mesma coisa – a contrarrevolução –, devendo ser combatidos. As constantes disputas fratricidas no interior da esquerda alemã do período contribuíram para que a direita e a extrema-direita alemãs ganhassem terreno em Weimar.

A Grande Depressão acentuou as dificuldades econômicas da Alemanha e os choques entre organizações paramilitares de extrema-direita e milícias de extrema-esquerda aumentaram. A direção do KPD repudiou alguns dos ataques feitos pela *Roter Frontkämpferbund* – a ala armada do partido aos fascistas – já que alguns acreditavam que tal ação poderia “dividir” a classe trabalhadora.

Debates semelhantes ocorreram dentro do movimento anarquista alemão. Embora em menor escala que seus pares comunistas e socialistas, a tropa de ação direta anarquista alemã *Schwarze Scharen* [...] foi fundada em 1929 para proteger as reuniões do sindicato anarcossindicalista União dos Trabalhadores Livres da Alemanha (FAUD) e da Juventude Anarquista. Vestidos inteiramente de preto e com boinas combinando, os *Schwarze Scharen* adicionaram uma propaganda criativa a suas brigas de rua com os nazistas, que incluía teatro de marionetes, música e teatro de rua. (Os comunistas e socialistas também tinham coros, teatros e várias formas de agitprop [“arte engajada”]). Embora suas fileiras nunca excedessem as centenas, em algumas cidades eles representavam a principal oposição antifascista. Não obstante, seus métodos de enfrentamento sofreram forte oposição por alguns dos sindicalistas anarquistas da FAUD. À medida que a atmosfera política se intensificava, o grupo começou a armazenar explosivos. Em maio de 1932, com base na dica de um informante, seu esconderijo foi invadido pela polícia. As prisões subsequentes a essa descoberta, em paralelo com a ascensão de Hitler ao poder, selaram o destino do grupo (BRAY, 2017, p. 45-46).

A violência entre as organizações de extrema-esquerda e de extrema-direita aumentou ao longo dos anos. Foi proposta a criação de uma frente eleitoral e paramilitar unida – a “Frente de Aço” – com todos os opositores do nazifascismo em 1931. Os social-democratas também participavam da frente, mas o sucesso da iniciativa foi mais eleitoral que militar.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A popularidade da Frente de Aço levou o KPD a formar a *Antifaschistische Aktion* como uma rede de células fabris, grupos de vizinhos, blocos de apartamentos, bairros e outras associações distribuídas territorialmente. Nos anos 80 e 90, muitos grupos antifascistas adotariam o nome dessa organização alemã, embora o *Comité d'Action Anti-Fasciste* também tenha adotado um nome semelhante na França nos anos 1920. Na Alemanha da década de 1930, os conselhos executivos locais da *Antifaschistische Aktion* consistiam de representantes do KPD, RFB, ligas esportivas comunistas e antigas plataformas comunistas antifascistas, como a Autodefesa da Massa Vermelha (RMSS) e o *Kampfbund* (BRAY, 2017, p. 47).

A *Antifaschistische Aktion* buscava estabelecer uma estrutura na qual todos os antifascistas poderiam se unir para combater o nazifascismo, mas a organização foi incapaz de resistir ao avanço do Partido Nazista. Em 1933, com a aprovação de leis que concediam poderes especiais a Hitler, todos os partidos, com a exceção do Nazista, foram declarados ilegais. A resistência interna continuaria durante todo o regime nazista, mas clandestina e sofrendo grande repressão por parte da Gestapo.

Em última análise, os socialistas e comunistas estavam bem mais preocupados uns com os outros para poder reconhecer que os nazistas não eram simplesmente uma nova variante contrarrevolucionária tradicional. Ambas as lideranças estavam muito presas em seus caminhos para rapidamente apoiar inovadoras opções táticas de confronto. Todo o continente, e sua população judaica em particular, pagaria um alto preço pelo fracasso em deter Hitler (BRAY, 2017, p. 48).

À medida que o fascismo se expandia, provocava reações contrárias também em função de sua defesa do expansionismo militar. As reações podiam ser também nacionalistas e muitas teriam um papel importante na resistência armada e clandestina contra as forças do Eixo, especialmente na região dos Bálcãs (HOBSBAWM, 1995, p. 40).

Mas nem todos os primeiros antifascismos foram politicamente militantes e/ou empreenderam ações de resistência armada. No Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, por exemplo, o cristianismo (e a Igreja Anglicana em particular) posicionou-se contrariamente ao fascismo, mas de uma forma mais moral e doutrinária que prática.

A grande alteração nos rumos do antifascismo internacional deu-se em 1935, com a rejeição, por parte do Comintern, de sua política do “terceiro período”, a qual igualava fascistas e social-democratas. A nova orientação, portanto, pleiteava a adoção de amplas Frentes Populares contra o avanço fascista,



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Os esquerdistas não-soviéticos, que meses antes haviam sido acusados de serem fascistas disfarçados, de repente foram convidados para a comunhão antifascista de braços abertos. Os partidos liberais “burgueses”, que alegadamente haviam aberto o caminho para o fascismo engolfar o globo, tornaram-se os baluartes da Frente Popular. Os trotskistas dissidentes, que haviam criticado a linha da Comintern sobre o “terceiro período”, defendiam uma frente única socialista mais geral. Agora, Trotsky atacava Stalin por ter ido longe demais na direção oposta com essa “virada oportunista e patriótica” que ameaçava “amortecer a luta revolucionária”. No entanto, em meados da década de 1930, Stalin estava mais que ansioso para abandonar a “luta revolucionária” em favor de fortificar a soberania da União Soviética (BRAY, 2017, p. 50-51).

Naqueles anos, o grande evento aglutinador de antifascistas de todo o mundo foi a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O conflito opôs dois grupos: o “republicano” (que congregava os antifascistas) e o “nacionalista” (composta pelos apoiadores de Franco). A guerra civil na Espanha terminou com a derrota dos antifascistas e o estabelecimento de um regime de caráter fascista no país que durou até 1975.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o antifascismo esteve intimamente relacionado aos esforços das resistências nacionais contra os governos de caráter fascista e seus Estados-fantoches. Embora não tenha sido exclusivamente comandada por militantes comunistas, o antifascismo foi encarado por muitos como necessariamente vinculado ao “comunismo soviético” ou, ao menos, claramente identificado com a esquerda.

Contrário a essa visão equívoca, o historiador Michael Seidman defende que o antifascismo até o pós-guerra pode ser dividido entre revolucionário e contrarrevolucionário. O revolucionário era a variante comumente expressa por comunistas e anarquistas, os quais lutavam contra o capitalismo (visto como condição para a existência do fascismo); enquanto que o contrarrevolucionário, encampado geralmente por políticos de direita, desejava um retorno aos regimes ocidentais liberais existentes antes da Segunda Guerra Mundial. Apesar das duas vertentes rejeitarem o fascismo, afastaram-se ainda mais após o fim do conflito bélico e a divisão entre “países capitalistas” e “países comunistas” (SEIDMAN, 2017, p. 1-8).

De todos os modos, com o fim do conflito e a derrota generalizada do fascismo, houve uma ressignificação do termo antifascista e uma instrumentalização da memória do antifascismo. Após a Segunda Guerra Mundial, o “sentimento antifascista” foi instrumentalizado como uma maneira de legitimação dos regimes que buscavam se



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



consolidar, tanto por parte das democracias liberais no Ocidente quanto por parte dos regimes pró-URSS implantados no Leste Europeu. Na visão de alguns autores, isso teria levado à existência de um “antifascismo bifurcado” durante a Guerra Fria, uma vez que significava coisas diferentes nas democracias liberais capitalistas ocidentais e nos “países comunistas”.

Esse imaginário do antifascismo foi apreendido por Stein Ugelvik Larsen [, professor de política comparada na Universidade de Bergen, Noruega,] quem argumentou que “O antifascismo no Leste significava opor-se ao fascismo e ao capitalismo, enquanto que no Ocidente significava opor-se ao totalitarismo, i.e., ao comunismo”. O antifascismo no Leste Europeu continuou tendo importância central para um mecanismo de legitimação do regime. No Ocidente e na Europa Ocidental houve diversas formas de articulação antifascista, assim como diferentes atitudes às ideias e aos legados antifascistas. Assim, pressões significativas eram exercidas sobre a memória do antifascismo as quais, em muitos contextos, foram ativamente silenciadas em processos que ainda estão se desenrolando. Essa foi uma questão particularmente importante com relação à reabilitação da Espanha de Franco no pós-guerra e também com respeito às ditaduras fascistas/reacionárias na Grécia e em Portugal (BRASKÉN; FEATHERSTONE; COPSEY, 2021, p. 14).

De fato, alguns dos movimentos antifascistas atuantes antes e durante a Segunda Guerra Mundial continuaram a agir após a derrota do Eixo devido à persistência e mutabilidade do fascismo na Europa e alhures ao longo do século XX.

A partir de fins da década de 1980, com o desmoronamento do Bloco Soviético e em seguida da própria URSS, os movimentos antifascistas se esforçaram por desprender-se de vinculações com o “comunismo soviético”, embora não exatamente tenham se desvincilhado do campo da esquerda.

As novas tecnologias de comunicação ajudaram a conferir ao antifascismo um caráter global, popularizando o termo “antifa” – originalmente uma abreviação de *Antifaschistische Aktion*. Atualmente, os grupos de orientação antifa são ativos em todos os continentes e, apesar de especificidades locais, possuem diversos elementos em comum: unem-se em torno de ideias libertárias e esquerdistas, não costumam possuir uma organização centralizada, geralmente seus membros gostam de preservar o anonimato, e favorecem ações diretas para confrontar e desafiar (algumas vezes de modo violento) defensores do fascismo e ideólogos da extrema-direita (DOYLE, 2018, p. 14-15).



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A intensidade dos debates contemporâneos sobre o antifascismo e seu legado atesta tanto a percepção do recrudescimento de discursos e posturas fascizantes em escala global quanto a complexidade e diversidade de movimentos, práticas e ideias que, opondo-se a essa tendência, orbitam em torno do qualificativo “antifascista”.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os debates em torno do fascismo e do antifascismo estão muito em voga na atualidade. Não apenas no debate público, mas também na forma de trabalhos de cunho histórico sobre (neo)fascismos e antifascismos, alguns deles abordando movimentos contemporâneos. Com efeito, estamos em um momento no qual a própria história global do antifascismo começa a ser esboçada.

Nesse sentido, o antifascismo é um temas que tem ganho destaque na produção historiográfica cujo recorte temporal e metodológico identifica-se com a História do Tempo Presente. A esse respeito, é preciso lembrar a ideia de que contemporaneidade sobre a qual se debruçam os historiadores do tempo presente é, “[...] de certo modo, uma contemporaneidade em segundo grau, o presente é para ele um presente redobrado, o da escrita e o do seu objeto” (DELACROIX, 2018, p. 71).

Por isso mesmo, os historiadores têm contribuições valiosas a fazer sobre os estudos dos movimentos antifascistas, já que a pesquisa baseada em fontes e a produção bibliográfica sobre indivíduos, contextos e condicionantes históricos podem revelar aspectos que talvez escapem a sociólogos e cientistas políticos. Esse olhar pode ajudar a compreender e avaliar melhor a eficácia e o discurso a respeito dos movimentos antifascistas, reconstituindo – ainda que parcialmente – suas experiências históricas, as maneiras pelas quais mobilizam e constroem suas memórias, assim como as formas como concebem e empregam suas ações e formas de resistência.





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



## REFERÊNCIAS

BRASKÉN, Kasper; COPSEY, Nigel; FEATHERSTONE, David. Introduction: Towards a global history of anti-fascism. In: \_\_\_\_\_ (eds.). **Anti-Fascism in a Global Perspective: Transnational Networks, Exile Communities, and Radical Internationalism**. Nova York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2021.

BRAY, Mark. **Antifa: o manual antifascista**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2017.

CRUZ, Natalia dos Reis. **Rev. hist. comp.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 216-257, 2019.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39-79, jan./mar. 2018.

DOYLE, Eamon. **Antifa and the Radical Left**. Nova York: Greenhaven, 2018.

DROZ, Jacques. **Histoire de l'antifascisme en Europe, 1923-1939**. Paris: Editions La Découverte, 1985.

EATWELL, Roger. **Fascism: A History**. Londres: Pimlico, 2003.

GARCÍA, Hugo; YUSTA, Mercedes; TABET, Xavier; CLÍMACO, Cristina (ed.). **Rethinking Antifascism: History, Memory and Politics, 1922 to the Present**. Nova York: Berghahn Books, 2016.

GENTILI, Valerio. **Antifa: Storia contemporanea dell'antifascismo militante europeo**. Roma: Red Star, 2013.

\_\_\_\_\_. [2012]. **La legione romana degli Arditi del Popolo: La storia mai raccontata delle prime formazioni armate che strenuamente si opposero al fascismo**. Roma: Red Star, 2014.

HOBSBAWM, Eric [1994]. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAXTON, Robert [2004]. **Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

SEIDMAN, Michael. **Transatlantic Antifascisms: From the Spanish Civil War to the End of World War II**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.